

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVRSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA  
(PARFOR)**

**JOSÉ MARIA FERREIRA DE SOUSA**

**A ESCRITA COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA  
ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS DO 6º ANO DO  
COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER**

**Abaetetuba-PA  
2013**

**JOSÉ MARIA FERREIRA DE SOUSA**

**A ESCRITA COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA  
ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS DO 6º ANO DO  
COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, Parfor Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

**Abaetetuba / PA  
2013**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S725e Sousa, José Maria Ferreira de.  
A escrita como processo de construção do conhecimento: : uma  
análise das produções textuais dos alunos do 6º ano do colégio São  
Francisco Xavier / José Maria Ferreira de Sousa. — 2013.  
47 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. MSc. Lorena Lopes de Freitas  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2013.

1. Escrita. 2. Leitura. 3. Produção textual. 4. Escola. I.  
Título.

CDD 469

---

JOSÉ MARIA FERREIRA DE SOUSA

**A ESCRITA COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA  
ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS DO 6º ANO DO COLÉGIO  
SÃO FRANCISCO XAVIER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, PARFOR Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.Ma. Lorena de Freitas

ABAETETUBA - PARÁ  
2013

Dedico em especial minha irmã Josemira pela paciência e compreensão nos momentos de ajuda, e a família pelo incentivo e por acreditarem na minha capacidade de concluir com sucesso mais uma etapa esta que de fundamental importância em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente, a Deus porque sem sua presença este trabalho não seria possível ser concluído.

A minha família, pela compreensão e paciência e especial minha mãe Maria Altamira, pois sem a ajuda e incentivo dela nunca conseguiria chegar ao final do curso e realizar esse tão esperado sonho.

As minhas irmãs e tias Joseana, Josemira, Zelinda, Alzira e Inês que sempre estão do meu lado me dando todo apoio.

Ao meus amigos Joelma Lima, Erick Símeles, Nan Carvalho e Pedrinho Lima pelo carinho consideração e pelas belas palavras de forças, palavras estas que nunca me deixaram desanimar.

As minhas colegas de grupo: Adriana, Odaleia e Michelle, que souberam conviver de maneira harmoniosa, e sempre mostraram-se dispostas a me ajudar em tudo que precisava, essas amizades ficará marcada em meu coração.

A professora Lorena Freitas, pelas suas orientações, pois pude contar com sua atenção, paciência, dedicação e compreensão, qualidades estas que me incentivaram a superar os meus limites e acreditar que sou capaz, há você minha querida professora, meus agradecimentos.

Ao Campus universitário e a Faculdade de Letras, representados por seus coordenadores e professores que sempre com competência doaram-se para contribuir com nossa formação profissional e principalmente pessoal.

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala... Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como, a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo dos olhos, entre outros.

Marcuschi, (2005)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como tema A Escrita como Processo de Construção do Conhecimento: Uma Análise das Produções Textuais dos Alunos do 6º Ano do Colégio São Francisco Xavier, localizado no município de Abaetetuba. O trabalho teve como objetivo analisar o uso da escrita como mecanismo da aquisição da habilidade para se produzir textos. Assim, como abstrair nossas percepções científicas, optamos por executar metodologicamente a pesquisa de campo numa abordagem qualitativa. O local escolhido para a realização da pesquisa foi o Colégio de Ensino Fundamental e Médio São Francisco Xavier. Tendo transitado por leituras e fichamentos de teóricos que tratam sobre o objeto de estudo e após analisarmos os dados coletados em campo, concluímos que o ensino e a prática da linguagem escrita é referência construtiva e consistente no processo de apropriação dos mecanismos linguísticos relacionados a produção textual. Na verdade quanto mais o aluno se habilitar a escrever, mais terá a oportunidade de envolver-se textualmente com que escreve, bem como adquirir subsídios conceituais quanto ao habito de ler e de escrever.

**Palavras-chave: Escrita- Leitura- Produção Textual- Escola**

## **ABSTRACT**

This present work has who theme the write that process of construction of the learning. An analyze of the textual produces of the students in 6<sup>th</sup> year of the San Francisco high school, located on the Abaetetuba city. The work had who objective the uses of write who gear of the acquisition of the ability for if produce texts. So, how abstract our perception scientific, choose for execute methodology the research of field in qualitative approach. The place choose for the realize of the research was the San Francisco Xavier high school. Having make read and write of theorist that care about the objective of studies and behind analyze the data collection in field, terminate that the practice of the language write is reference construction and consistence on process of appropriation of the gears linguistics relation the textual producers. On the true how more the student if habilitate the write, more will have the opportunity of the become involved textually with that write, well how acquire subsidizes conceptual amount to habit if read and write.

Keywords: Write – Read – Textual production – School.

## LISTA DE IMAGEM

|  |    |
|--|----|
| <b>IMAGEM 01:</b> Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013 ..... | 28 |
| <b>IMAGEM 02:</b> Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013 ..... | 29 |
| <b>IMAGEM 03:</b> Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013 ..... | 30 |
| <b>IMAGEM 04:</b> Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013 ..... | 31 |
| <b>IMAGEM 05:</b> Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013 ..... | 34 |
| <b>IMAGEM 06:</b> Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013 ..... | 36 |
| <b>IMAGEM 07:</b> Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013 ..... | 37 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 09 |
| <b>CAPITULO I – A ESCRITA E SUAS DIMENSÕES TEÓRICAS</b> .....  | 12 |
| 1.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA<br><b>ESCRITA</b> .....   | 12 |
| 1.2 A ESCRITA E SUA FUNÇÃO SOCIAL PARA ALÉM DO ESPAÇO<br><b>ESCOLAR</b> .....  | 15 |
| 1.3 A ESCRITA E SUA ARTICULAÇÃO COMO PRÁTICA DA PRODUÇÃO<br><b>TEXTUAL NA SALA DE AULA</b> .....                         | 21 |
| <b>CAPITULO II – METODOLOGIA: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS<br/>DOS ALUNOS DO 6º ANO DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO</b> ..... | 27 |
| 2.1 O CONTEXTO DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER .....   | 27 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 43 |
| <b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....  | 45 |

## INTRODUÇÃO

A socialização que ocorre com a ação de se comunicar seja pela fala, pela escrita ou pela leitura é parte fundamental no processo de evolução da humanidade. O ato de se comunicar por meio da linguagem verbal, escrita e gestual é imprescindível para a humanização, pois envolve vivências culturais, sociais e educativas, as quais estão presentes nas diversas instâncias da sociedade: família, igreja, comunidade, escola, etc.

A troca de informações e experiências ocorre primeiramente pela linguagem verbal, ela tem importância nos diversos âmbitos sociais. Outra forma de linguagem é a escrita, sua relevância na sociedade é visível; as placas, os avisos, os letreiros, enfim, são inúmeras as formas de representação da escrita no meio social. A compreensão do seu significado é feita por meio da leitura de sinais gráficos, seu aprendizado do sistema de escrita não se reduz apenas a capacidade do indivíduo codificar e decodificar sons e sinais linguísticos, mas envolve uma leitura que ultrapassa os sinais gráficos.

A leitura também tem sua importância, se caracteriza como uma ação ativa pela qual os sujeitos apreendem-na. Sendo assim, tanto a leitura quanto a escrita são universos interpretativos ligados às ações e reações humanas. Nesse sentido, é importante ressaltar que o processo ensino aprendizagem envolvendo a produção textual deve propiciar ao alunado a descoberta e a valorização do sistema escrito, não de forma mecânica, descontextualizada, mas compreensiva interpretativa, e culturalmente dialógica.

A produção textual tem no conhecimento da escrita uma forma abstração de vários conceitos gramaticais, por isso é importante que a escola se aproprie de ambos os movimentos como recurso de desenvolvimento cognitivo na vida do aluno. Desse modo, informamos como forma de aprofundar mais sobre as bases científicas que nos levaram a trabalhar o tema elucidado, citamos que o objetivo de escrever a esse respeito foi: analisar o uso da escrita como mecanismo da aquisição da habilidade para se produzir textos. Como fonte de análise investigativa, levantamos algumas questões norteadoras, são elas: Por que é importante analisar a construção textual na escola? Qual a importância da escrita como fonte de aprendizagem interpretativa e analítica no campo da produção textual?

A luz destes questionamentos, optamos por executar metodologicamente a pesquisa de campo numa abordagem qualitativa, a qual foi executada no Colégio de Ensino Fundamental e Médio São Francisco Xavier, localizado no município de Abaetetuba. Nesse espaço coletamos alguns textos dos alunos do 6º ano como recurso parte integrante de nossa abordagem acadêmica. Quanto a pesquisa de campo Ludke e André (1999) frisam que é inquestionável sua importância por se tratar de uma forma singular do pesquisador aproximar-se do seu objeto de pesquisa, inserindo-o no campo da investigação.

A coleta de dado, segundo as autoras resulta numa ação investigativa que dá subsídios relevantes a organização das reflexões que o referencial teórico respalda. E mais, “(...) a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2001, p. 79). Objetivando traçar discussões pertinentes no trabalho ele foi organizado em dois capítulos e conclusão.

No primeiro capítulo, elaboramos argumentações teóricas sobre a função social da escrita e sua abrangência formativa na escola. No segundo capítulo nos detemos a analisar os dados coletados em campo tendo como base os estudos teóricos que outrora nos subsidiou a construção dos debates acerca da temática elucidada no trabalho. Para tanto selecionamos alguns textos dos alunos do 6º ano do Colégio São Francisco Xavier.

Os textos analisados serviram de referência para que nossa análise acadêmica se fundisse num processo de elaboração teórica que nos propusemos vivenciar. Já na conclusão, nossos argumentos foram alvo de ratificação das visões que adquirimos ao longo de sua elaboração, haja vista que a leitura teórica em consonância com o olhar na realidade pesquisada nos permitiu alicerçar ainda mais nossos fundamentos a despeito do assunto foco de análise.

Citamos que o envolvimento da escrita na vida dos alunos como conhecimento que se constrói por meio de sua prática advém se varias formas de vivências culturais, são elas que a escola enquanto instituição formal lapida e expande como conhecimento linguístico. Citamos que nos últimos anos foram ampliadas as discussões sobre a escrita, relacionando-a, a processos de transformação social e pessoal, ligados as ações humanas. Faz se assim, a aquisição de compreensões mais fundamentadas sobre o seu valor ligado a

produção textual. Ou seja, para se produzir um escrito é valioso se obter o uso da escrita como recurso, nesse caso são elos articulados que necessitam ser fazer presente no âmbito escolar.

## CAPÍTULO I – A ESCRITA E SUAS DIMENSÕES TEÓRICAS

Elaborar discussões que possam contribuir cada vez mais no âmbito da educação escolar exige que façamos estudos acerca de realidades diversas. Com esse intuito nesse capítulo o eixo de nossos debates aconteceu a partir de leituras e reflexões sobre a escrita que nasce na prática de produções textuais, cuja importância emerge sobre diferentes interpretações. Considerando esse aspecto importante, frisamos a escola espaço de muitos saberes deve ser enxergada como lugar de aprendizagens que necessita levar em consideração o aluno como sujeito que precisa compartilhar de aprendizagens educativas envolvendo o ato de escrever como um processo contínuo de descobertas que vai além da decodificação dos signos linguísticos.

### 1.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Acompanhar as transformações sociais, a evolução da humanidade no intuito de dinamizar e diversificar os meios de comunicação envolvendo as relações pessoais e sociais incluem possibilitar a troca de experiências entre crianças, jovens e adultos, num processo de descoberta contínua, até por que a socialização em constante crescimento não se reduz a mera troca de informações, as sim, a apreensão e uso de diversos conhecimentos. Historicamente eles foram criados pela humanidade para serem adquiridos de forma coerente, cidadã e culturalmente diversificada.

Construir e dinamizar novas perspectivas relacionadas ao ensino da escrita nos dias atuais na escola exige que os professores a concebam como fonte de conhecimento social, pois seu aprendizado deve ser articulado dentro de uma demanda envolvendo tanto os conhecimentos científicos quanto do senso comum. Compartilhar, então a arte de reproduzir sons gráficos não se resume a decodificação de grafemas, mas de sua função dentro de uma palavra, frase, enfim nas diversas maneiras de transcrição.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky, (1996) comentam que a realidade atual exige do professor uma atuação mais condizente com relação ao ensino da escrita, ou melhor, lhe cabe mediar processos de interpretação e reprodução com sentido,

objetividade e relação com que se pensa. A teoria da psicogênese da língua escrita, oriunda dos estudos de ambas as autoras, vem contribuindo com o entendimento do processo de apreensão do sistema escrito. Para as autoras, a psicogênese explica que a criança passa por várias etapas de apreensão do conhecimento, trata-se de um processo dinâmico envolvendo várias situações de aprendizagens. Até ela alcançar o domínio linguístico, acaba vivenciando momentos de avanços e recuos quanto a segurança para decodificar os grafemas.

Segundo FERREIRO (1999), este é um processo que ocorre à medida que a criança cria hipóteses sobre a escrita, ou seja: "(...) ao estudar a gênese psicológica da compreensão da língua escrita na criança, Ferreiro desvenda a 'caixa-preta' desta aprendizagem, demonstrando como são os processos existentes nos sujeitos desta aquisição". (p. 36). A importância da teoria sobre a escrita tem na psicogênese referência teórica que explica a construção do conhecimento.

Para Ferreiro (1996) toda criança passa por quatro fases até alcançar a alfabetização propriamente dita. Ela vivencia o pré-silábico, o silábico, o silábico alfabético e alfabético. Fase pré-silábica, corresponde às experiências, as quais as crianças não conseguem relacionar as letras com os sons da língua falada, utiliza as garatujas ou desenhos para expressar seu pensamento e sua compreensão linguística. A outra fase é a silábica. Nessa fase a criança interpreta a letra à sua maneira. Ela escreve a partir do som da sílaba, formando uma hipótese silábica, podendo colocar uma letra para cada sílaba.

Já a terceira fase é a silábica-alfabética. Ela se caracteriza de forma mista, ou seja, a criança, mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; exemplo, escreve uma letra para algumas sílabas ou duas letras para outras. A última fase é a alfabética. Trata-se de uma fase que se evidencia pelo fato de que a criança já consegue compreender o uso do sistema linguístico, ou melhor, passa a ter a noção de que existe uma organização a ser respeitada no ato de escrever, ao reproduzir a escrita acaba dando valor a letras e sílabas.

Em razão do uso da escrita como caminho comunicativo a teoria da psicogênese contribui efetivamente para que vejamos a escola como local de formação do hábito de escrever e de ler. Nesse espaço é necessário trabalhar a combinação da linguagem escrita por meio da decodificação e a compreensão dos sons com as letras, enfim, é valioso utilizar os elementos da linguagem escrita e da leitura como fonte de aprendizagens. Dessa maneira, devemos pensar que no

universo escolar não podemos formar alunos copistas, que copiam por copiar, que apenas reproduzem os grafemas.

Ampliar o manuseio, a exploração e a articulação da escrita com a realidade do aluno exige bem mais de transcrições verbais. “Atualmente, sabemos que a criança que chega à escola tem um notável conhecimento de sua língua materna, um saber linguístico que utiliza ‘sem saber’ [...] nos seus atos de comunicação cotidianos” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 27). Os conhecimentos que inconscientemente são usados pelas crianças para articularem suas informações em aprendizagens pressupõe que sua vida escolar tenha representação social e individual. É extremamente importante incentivar as crianças a terem contato com os diferentes tipos de escritas e suas características organizacionais.

O desenvolvimento cognitivo do aluno quando relacionado a aquisição da escrita no campo escolar não pode acontecer dissociado da realidade que vive. Nas quatro fases apontadas por Ferreiro (1999) reafirma a influência das experiências do meio em que as crianças fazem parte como uma forma particular de habilitar-se no aperfeiçoamento da escrita no ambiente de sala de aula. Nesta perspectiva, a linguagem escrita vai sendo adquirida gradualmente, num processo de estruturação mental, que aos poucos vai fluindo os significados de cada código escrito alinhado a organização do pensamento.

O fluxo de descobertas do valor sonoro quando colocado na forma de símbolos linguísticos deve ser processado por mecanismos metodológicos que façam os alunos a descobrirem que o ato de escrever tem uma função social. Isso nos levar a refletir que:

Nas sociedades modernas, ensinar a ler e escrever são, em princípio, uma missão da escola. Todavia, na tentativa de buscar explicações para o sucesso ou fracasso escolar, estudos recentes têm salientado a importância do fator “usos da comunicação escrita em contextos culturais” para explicar o êxito ou fracasso escolar de muitas crianças (KATO, 1994, p. 106).

A autora acima explica os estudos realizados por Ferreiro e seus colaboradores sobre a psicogênese da língua escrita permitiu que houvesse compreensões mais fundamentadas a respeito do dinâmico caminho que a criança percorre para adquirir a competência de escrever. A partir dos trabalhos publicados

por Emília Ferreiro sobre psicogênese da língua escrita, novas vertentes de análise acerca da demanda que envolve a criança e sua relação com a escrita ganharam mais importância, particularmente no contexto educacional brasileiro.

Os diferentes meios de aquisição da escrita estão intimamente ligados com a forma de exercitar a prática da leitura, sendo assim, conviver socialmente com o legado social que atualmente se faz presente envolvendo a comunicação impõe aos sujeitos a buscarem informações no campo tecnológico, por meio dos materiais escritos, nas placas, nos anúncios, enfim, os recursos estão expostos e cabe a escola se apropriar deles no campo da aprendizagem. É de suma importância promover o acesso a escrita desde muito cedo na vida dos seres humanos.

Assim, de forma geral, convém citarmos que atualmente o olhar já se volta para o ambiente escolar, em particular a sala de aula, com mais vínculo de interpretação sobre como, quais, e quando a criança deve ter contato com os recursos da escrita. Ferreiro (1999) se apoiou nos estudos da teoria construtivista, elaborada por Piaget, que segundo ele a cada salto cognitivo que a criança vivencia, ela vivencia processos de equilíbrio o qual vai lhe dando subsídio assimilar e acomodar os conhecimentos adquiridos durante cada etapa vivenciada.

Embasada por esse enfoque destacamos a Psicogênese da Língua Escrita não reduz o uso da escrita aliado a o uso da leitura como mera forma de apropriação dos grafemas. Na realidade existem indicativos que trabalham o ensino da escrita como mecanismos de socialização humana amplia o campo de alfabetização que se apoia num ensino convencional, sem leitura de mundo. O ensino nos dias atuais da escrita tem que ser algo casado, argumentado, partilhado, manuseado, enfim, a sala de aula deve se transformar continuamente num ambiente alfabetizador, extrapolando os muros da escola. É assim que a criança vai passar por todas fases da psicogênese com ritmo e maturidade cognitiva mais qualitativa.

## 1.2 A ESCRITA E SUA FUNÇÃO SOCIAL PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR

Se levamos em consideração que aquisição dos diversos conhecimentos pode ser viabilizada através da oralidade, da leitura e da escrita, e, cujo processo acontece de forma e meios diferenciados, logo, devemos ficar atentos para o dinâmico movimento da comunicação. O panorama dos avanços tecnológicos

permitem que o ato de se comunicar, extrapole as formas tradicionais,. Cabe então frisamos que a humanidade é totalmente envolvida em tempo e ritmo comunicativo.

Por esse olhar é de fundamental importância compreender a função social da escrita. Quanto a esse aspecto Ferreiro e Teberosky (1999) frisam que a escrita tem sua função social alinhada a elementos discursivos, ou seja, ela é eminentemente importante no processo socialização humana, por se tratar de uma linguagem que se apropria de códigos linguísticos criados pelo homem. As autoras enfatizam ainda que a criança possui o seu conhecimento linguístico cultural, o qual deve ser compartilhado conforme suas experiências.

Os diferentes meios de aquisição da escrita estão intimamente ligados com a forma de exercitar a prática da leitura, logo, é de extrema importância que essa habilidade seja adquirida num processo contínuo de manuseio com os recursos linguísticos, haja vista que o contato com a escrita leva os sujeitos a compreenderem sua função na sociedade. Considerando esse ponto relevante frisamos tanto a leitura quanto a escrita tem sua função social na vida dos seres humanos, são linguagens que se completam e que estão presentes no mundo, posto que o ato de falar, ler ou interpretar socialmente os diversos materiais escritos não se resume a ações estáticas.

Nesse caso é importante refletirmos que:

Ao ingressar na série onde começa ocorrer o ensino sistemático das letras, a criança já detém uma grande competência linguística que não é considerada. Essa ação equivocada da escola tem origem em dois desvios. O primeiro deles é tratar a aquisição da escrita como se esta fosse idêntica a apropriação da fala. O segundo é que com o modelo de aprendizagem da língua oral, que a maioria dos métodos de alfabetização reproduz sustenta-se no conhecimento já ultrapassado (AZENHA, 1993, p. 40).

Conforme abordagem acima a escola tem que visualizar a escrita como uma continuidade da fala, associando-a como forma de aprendizagem a partir do uso da oralidade. Isso nos leva a perceber que a possibilidade de ampliar a relevância do processo ensino aprendizagem no meio escolar, tem como fundamento o exercício contínuo dos movimentos comunicativos que o ser humano partilha inicialmente antes de apropriar da escrita convencional. Azenha (1993) comenta ainda que é de extrema importância obter cuidados com a exposição e com ensino da escrita no ambiente escolar.

A escrita exerce sua função social quando se estende para uma leitura que ultrapassa os códigos linguísticos. O modo de ver e de ler o mundo, analisá-lo e interpretá-lo exigem do aluno expressões conceituais de pensamentos formulados antecipadamente ou concomitante com o ato de escrever. O ensino envolvendo a introdução dos códigos da escrita nas mãos da criança não pode vir a torna-la uma copista. O ideal é que ela se torne uma escritora de contextos e textos sociais, pessoais, políticos, culturais e educacionais.

Aquisição da leitura a partir da convivência com os códigos escritos produzem interlocuções, são mecanismos linguísticos que acontecem na medida em que a leitura é provocada pela ação de falar, resultado do manuseio de algo escrito. As letras, palavras, sílabas e textos são resultados da junção e articulação de ideias e pensamentos que emergem por conta da convivência com a escrita. A escrita juntamente com a oralidade se alicerça resultado dos significados e significantes que são produzidos no ato de ler e escrever.

A escrita e a leitura, na visão de Cagliari (1993) é algo sociável, cujo dinamismo se dá numa relação envolvendo locutor e interlocutor. Eles realizam uma atividade comunicativa fruto da socialização. A consolidação da comunicação humana se reflete em ações que são produzidas por vários discursos, sejam eles escritos ou falados. A comunicação verbal, gestual ou escrita produz uma rede de significados sociais desencadeados através da compreensão dos códigos escritos que se solidifica numa teia envolvendo a interação humana.

Cagliari (1993) cita ainda a escrita se constitui no ato de comunicação social, pois seu uso serve para identificamos objetos, falar de sentimentos, fazermos críticas, citarmos, questionarmos, etc. Há diversas formas de usá-la socialmente, sendo assim seu aprendizado pode acontecer por fases de aprendizagens que pode acontecer a partir de um simples rabisco até a organização da junção dos signos linguísticos. Efetivamente é pela linguagem que nos expressamos, nos revelamos sujeitos que usam a comunicação verbal, gestual, escrita e lida para nos relacionarmos entre si e com o mundo.

Somos humanos pela linguagem, por conta de usarmos os diferentes meios para nos comunicarmos socialmente. Nesse sentido, a escrita tem uma função social exercitada em vários momentos da vida humana. Diz respeito a uma linguagem de expressão social, haja vista que ela permite que flua a objetividade nas relações

humanas, tendo em vista que o pensar, o sentir e o próprio agir tem haver com a forma que nos expressamos uns com os outros socialmente.

Cagliari (1993) declara a escrita por ser uma linguagem que pode ser reproduzida e traduzida pelo pensamento solidifica a construção, a criação e a troca de diferentes conhecimentos. Isso torna o ato de escrever processos de apreensão dos grafemas de forma funcional, ou seja, eles ultrapassam a base da decodificação, extrapolando os muros da escola a partir de elos indissociáveis de socialização humana.

Ferreiro e Teberosky (1999) declaram ainda que a escrita nos dias atuais é diversa e culturalmente diferenciada, por isso é importante que a escola seja um lugar de compartilhamento do ato de apreendê-la convencionalmente, sendo que, o ensino mecânico descontextualizado não resulta numa aprendizagem efetiva e qualitativa. Fazendo uma análise geral a criança a partir da internalização social se apropria de diferentes formas de escrita. Logo, o seu aprendizado pode ser trilhado entre novos horizontes sociais e culturais tendo como cerne ato de escrever e ler contextualizado. Posto que:

E escrevendo pode se comunicar a distância, ampliando assim a sua interlocução, levando a sua voz mais longe. Antes de tudo é preciso consolidar o conhecimento que a criança traz, para que ela se sinta sujeito do conhecimento e, ao mesmo tempo, atue no sentido de ampliar o máximo seu conhecimento anterior, lembrando sempre que só aprende quem acredita na sua capacidade de aprender (GARCIA, 2001, p. 141).

Partindo dessa ótica frisamos a função social da escrever pode ser adquirida e consolidada num caminhar de identidade própria, fruto de ações diversificadas. De modo particular, o processo ensino aprendizagem que os professores devem estimular junto às crianças no que se refere à escrita tem que levar em consideração o acervo cultural que elas possuem. O acúmulo de experiências linguísticas que cada criança possui enquanto experiências comunicativas devem ser reconhecido e ativado na forma de aprimoramento do ato de escrever. A criança não pode ser vista como receptora de informações, mas interlocutora social, uma vez que:

(...) sabemos que a criança que chega a escola tem um notável conhecimento de sua língua materna, um saber linguístico que utiliza “sem saber” (inconscientemente) nos seus atos de comunicação cotidianos (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 27).

A parti dessa premissa frisamos o desenvolvimento da aprendizagem da escrita e conseqüentemente da leitura é algo necessário na vida de qualquer ser humano, cuja dimensão possui sua função social em qualquer espaço da sociedade. Para tanto segundo Ferreiro e Teberosky (1999) nos dias atuais os seres humanos necessitam ser comunicativos, sendo que a eles devem ser informados a diferença entre a fala e a escrita nos iniciais de vida escolar e mais levando em consideração as diferentes formas de comunicação e códigos escritos.

Para as autoras os diferentes meios de aquisição da escrita fazem parte de universos envolvendo a aquisição da leitura como prática social, desse modo, ambas as linguagens estão intimamente ligadas na sociedade e devem ser apreendidas, exercitadas e compreendidas como veículo de comunicação. A leitura e a escrita tem sua função social por que se completam, já que quando se trata de falar, ler ou interpretar socialmente materiais escritos elas são utilizadas concomitantemente. Diante desse aspecto no espaço escolar as duas devem ser trabalhadas como instigadora uma da outra, ou seja:

(...) a aprendizagem da leitura e da escrita não se dá espontaneamente; ao contrário exige uma ação deliberada ao professor e, portanto uma qualificação de quem ensina. Exige planejamento e decisões a respeito do tipo, frequência diversidade sequência das atividades de aprendizagem. Mas essas decisões são tomadas em função do que se considera como papel do aluno e do professor nesse processo, por exemplo, as experiências que a criança teve ou não em relação à leitura e à escrita. Incluem também os critérios que definem o estar alfabetizado no contexto de uma cultura (FERREIRO, 2002, p. 32).

Aprender a ler e escrever são ações validas pela mediação escolar. No decorrer do processo ensino aprendizagem as atitudes metodológicas que o professor por ventura venha compartilhar com os alunos devem ser vistas como fonte de descoberta do uso do ato de escrever e ler. Ele tem suas próprias dimensões, e são elas que ao serem traduzida verbalmente quando se lê um texto,

palavra, frase, imagens, gravuras, etc., reproduzem ou produzem diferentes formas de leitura e de escrita.

A função social da prática da escrita envolve um ser falante e um leitor. Trata-se de um movimento dialógico, haja vista que a comunicação não é só transcrição verbal, existem compreensão e interpretação daquilo que se escreve e do que se lê. A aquisição da leitura dos códigos envolve juntamente com a oralidade sintetização de pensamentos, ideias significados e significantes. Em meio ao ato de ler, a escrita se efetiva na sua função social, pois envolve códigos e/ou signos, palavras, frases, textos, etc. Tal processo é dinâmico, como bem afirma Cagliari (1993). Para o autor a escrita ao ser ampliada pela leitura auxilia o homem a perceber-se na sociedade e efetivamente o torna sociável.

Marcuschi (2005) ressalta ainda que efetivamente o ato de escrever e ler permite haver interlocução entre os seres humanos, ação que envolve locutor e interlocutor realizando movimentos comunicacionais de grande relevância para as relações dos sujeitos. Palavras, letras e sílabas, articulam sons; passam mensagens, informam, relatam, destacam etc., são inúmeras as situações de apreensão dos códigos envolvendo a função social da escrita. As ações ao serem produzidas e reproduzidas se apropriam de vários discursos, sejam eles escritos ou falados.

Há de se pensar que:

A escrita, então, não deve ser considerada como mero instrumento de aprendizagem escolar, mas como produto cultural. Assim entendida, possibilita a exploração, no contexto da sala de aula, de diferentes portadores de textos, explicitando os variados usos e funções que lhes são inerentes numa sociedade letrada. (BRITO, 2009, p. 2)

O fato de uma pessoa não falar ou não ouvir não diminui sua capacidade de reproduzir e interpretar a linguagem escrita. Na realidade a comunicação verbal, gestual ou escrita produz uma rede de significados sociais e um processo que se amplia a compreensão dos códigos escritos forma entre si uma teia de interação humana, a qual possui ampla função social nas diversas culturas. Para Cagliari (1993) no ato de comunicação social integram formas diferenciadas dos seres humanos expressarem algo pensado; a escrita serve para identificamos objetos, falar de sentimentos, fazermos críticas, citarmos, questionarmos, enfim, a escrita tem uma função social abrangente e socialmente para além dos muros da escola.

### 1.3 A ESCRITA E SUA ARTICULAÇÃO COMO PRÁTICA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA SALA DE AULA

O aprendizado da escrita tende a fluir por meio de um processo pautado no desenvolvimento linguístico que se difere na dinâmica vivenciada que cada sujeito exercita no campo social e escolar. Nesse caso, as oportunidades para se entender o uso da escrita nas suas diversas dimensões devem acontecer de forma clara e autônoma, sendo que o estímulo quanto as diretrizes de sua aquisição precisam ser trabalhadas conectadas socialmente e individualmente. Desse modo, frisamos a prática da escrita, assim como da leitura deve ser trabalhada enquanto acesso ao mundo das palavras, dos textos, etc., de forma contextualizada, real e dialogicamente participativa.

Nessa ótica, identificamos que o ato de escrever e ler produz e reproduz conhecimento dentro e fora da escola, por isso é extremamente grandioso trabalhar no contexto da aprendizagem desse ato a produção textual. Uma vez diversificada os processos de compreensão sobre o valor de um texto fica mais fácil e mais criativo compreender a função social da escrita. Prática comunicação vinculada às diferentes linguagens permite que o ser humano atribua significados da língua escrita, da falada, no campo da leitura, no uso dos sinais e gestos comunicativos, enfim, comunicar-se com o outro resulta em socialização.

A escola então tem como dinâmica ser direcionada o processo ensino aprendizagem da escrita e da leitura de forma convencional, logo é fundamental que sejam ativadas na sala de aula a exposição e análise dos gêneros textuais, como recurso que envolve conhecimento linguístico, de mundo, de informações, etc. Quanto a organização do aprendizado da escrita, particularmente há de ser pensar que:

A aprendizagem da escrita é, portanto, processual e se constrói em ritmo diferente em cada indivíduo. Assim, é natural que, numa situação de alfabetização, as crianças estejam em níveis diferentes de alfabetismo. (BRITO, 2009, p. 3)

A partir dessa compreensão podemos afirmar que as evidências necessárias, para se explorar os conhecimentos dos alunos no universo escolar, tem que ter relação com suas experiências, considerando que o processo de

compreensão ocorre de forma gradativa. Alfabetizar o aluno incluir fornecer-lhes mecanismos de exploração nos diferentes tempos e espaços escolares, para tanto o uso de fábulas, trava línguas, poesias, pões, textos informativos, dissertativos, narrativos, etc., auxiliam por demais a organização didática do professor.

Convém citarmos ainda que:

Os gêneros textuais remetem aos diferentes formatos que os textos assumem para desempenhar as mais diversas funções sociais, ressaltando suas propriedades sócio comunicativas de funcionalidade e de intencionalidade. Eles apresentam diferentes caracterizações, com vocabulários específicos e empregos sintáticos apropriados, em conformidade com a função social que exercem. (WITTKE, 2010, p. 3)

Tal indicativo só reforçar que a produção textual é um recurso valioso para que o aluno se perceba escrevendo, reproduzindo, criando e recriando suas ideias, pensamentos e conhecimentos usando como fundamento a escrita. Existem diferentes momentos e situações que fazem com que o escritor, torne-se leitor, vivencie a interpretação, ao partilhar a leitura de imagens, palavras, objetos, pessoas, fatos; ao produzir palavras, frases e textos o sujeito tem a oportunidade de construir conhecimentos sobre a escrita numa trilha metodológica se estender para vida toda.

Considerando esse aspecto importante cabe ao professor encaminhar processo de aprendizagens envolvendo a produção textual com base também nos conhecimentos linguísticos que os alunos trazem para sala de aula, posto que existem produções escritas que revelam muitos interesses ligados a vida que eles compartilham no meio social que estão envolvidos.

Nesse contexto, compete ao professor de língua materna criar oportunidades para que o aluno estude os mais diversos gêneros textuais, sua estrutura e funcionalidade, para que se tornem capazes não só de reconhecê-los e compreendê-los, mas também de construí-los de modo adequado, em suas variadas situações sociais. (WITTKE, 2010, p. 3)

A aprendizagem da escrita se funde numa redes de significados sociais e culturais, pois ela abrange a própria concepção de mundo e de realidade. Ferreiro e Teberosky (2001) declaram que o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos passa pelo aprendizado da escrita, alinhado ao da leitura. Trata-se de uma

organização continua de conhecimentos que envolvem a descoberta do ato de ler e escrever como mecanismo de comunicação social. Sendo assim, a produção textual que os alunos socializam no espaço escolar deve ser algo prazeroso, criativo, dinâmico, analítico e interpretativo, tendo em vista que o texto tem que passar mensagens a serem internalizadas na forma de conhecimento.

O ato de ensinar ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas. (CASTANHEIRA, MACIEL E MARTINS, 2009, p. 16)

Considerando a relevância de produzir escritas e leituras os sujeitos internalizam diferentes áreas de conhecimentos por meio da comunicação. Sendo assim, é importante que a escola se aproprie de mecanismos para incentivar os alunos escreverem, produzirem suas percepções conceituais acerca dos temas abordados na sala de aula. Freire (1999) comenta o professor tem a oportunidade de trabalhar com os educandos seus sentimentos, suas visões e interpretações desde que se disponha a realizar com eles a instrução social e política.

“A prática de escrita consiste em um processo que depende de várias etapas para que possa ser realizada com sucesso.” (WITTKE, 2010, p. 3) Embasado nesse olhar se faz necessário, então analisar as produções textuais dos alunos do 6º ano no Colégio São Francisco Xavier, pois, diz respeito a produções criadas nas aulas de Língua Portuguesa, momento em que a professora mediu a elaboração de ideias baseada na possibilidade de estimular os alunos a escreverem e produzirem suas próprias concepções intuitivas acerca do assunto estudado na sala de aula.

Tecer reflexões sobre o aprendizado e o ensino da escrita no meio escolar, nos dias atuais requer abordagens distintas, as quais com certeza se fundem com compreensões diversas a respeito da ação dos professores. Elas devem situar-se na sala de aula alinhada a possibilidades de visualizar o aluno produzindo suas interpretações reais acerca do meio que vive. Freire (1999) destaca o professor com sua boniteza pedagógica se torna elo instigador de conhecimento, o qual passa também pelo de ensinar conhecimentos contextuais.

A partir dessa concepção podemos afirmar que as decisões mais adequadas com relação ao ato de ensinar a leitura e a escrita requerem dos professores estratégias dinâmicas e reais, ou seja, o ensino da escrita e da leitura, deve ser

compreendido a partir de objetivos ligados ao conhecimento que se está oferecendo aos alunos, contextualizar as informações que eles trazem para escola em consonância o que o currículo escolar oferece é uma forma singular de oferecer-lhes meios seguros no campo da aprendizagem da leitura e da escrita.

Nesse contexto, é de extrema importância que o professor de língua tenha consciência do que consiste o processo de produção de textos, pois essa estratégia vai muito além da simples atividade *de* fazer um texto a partir de um título, de uma temática, de uma imagem ou mesmo de um fragmento de outro texto. Existe todo um trabalho de estudo, de contextualização do assunto a ser abordado, antes de chegar à etapa de produção propriamente dita. (WITTKKE, 2010, p. 4)

Cabe então frisamos que a assimilação dos indivíduos dos códigos da escrita precisa ser conectada pela exposição visual de objetos, palavras, letras, etc. Nos diferentes tempos escolares, no campo da pesquisa, da leitura diversificada. A produção textual é enriquecida por meios mais dinâmicos de inserção da escrita na escola, quando flui pela descoberta de sua função social. Para que os alunos tornem-se leitores ou bons escritores, há necessidade dos mesmos vivenciarem a partilha, a criação, a descoberta, as funções que a escrita, enfim, o processo de apreensão da codificação e da decodificação das palavras, fruto da consciência crítica sobre o que se lê ou o que se escreve não nasce sem fundamento, sem orientação, mas sempre mediado por caminhos pedagógicos instituídos pelo professor.

Nessa dinâmica devemos entender que:

O ato de ensinar ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas. (CASTANHEIRA, MACIEL E MARTINS, 2009, p. 16).

A escrita e a leitura produzem conhecimento e desenvolvimento humano, sendo assim, o processo da escrita não tem hora determinada para acontecer. A criança, com naturalidade como bem afirma Ferreiro (1999) traça suas linhas escrevendo o seu pensamento ainda na fase inicial dos primeiros anos de vida. Tal premissa deixa em evidência que a escola pode usar essa naturalidade para

estimular os alunos a escreverem produzirem seus textos, criarem suas percepções acerca dos diferentes conhecimentos.

A utilização de técnicas eficazes que favoreçam o aprendizado das crianças na fase inicial escolar requer que os professores atribuam sentido ao ato de escrever e ler. O aprendizado de ambos os atos quando direcionados por meio da descoberta de sua função social, desencadeiam as práticas sociais, e são elas que dão sentido a vida do ser humano no meio que vive. Naturalmente a motivação para que as aprendizagens eficazes envolvendo a escrita direcionada a produção textual tem que parti de incentivos e ensinamentos produtivos, haja vista que a leitura e a escrita devem vir sempre acompanhadas de emoções, em decorrência do envolvimento dos sujeitos na área de compreensão no determinado momento que lê e se propõe a escrever.

Produzir textos segundo Marcuschi (2005) envolve atitudes relativas à compreensão da fala e da escrita, cuja dinâmica é traduzida realmente por ações humanas habituais em qualquer tempo ou espaço social. As variedades formas de escrever um texto estão imbuídas de conhecimentos produzidos socialmente, logo, na escola o professor deve estimular os alunos a traçarem seus próprios desafios a produzirem um texto. Respeitar o universo cultural dos alunos na escola como mecanismo que pode estimulá-los a escrever, ler e interpretar abre várias possibilidades quanto a valorização das produções textuais nos dias atuais.

A assimilação dos códigos da escrita precisa ser conectada socialmente não só na forma de visualização, mas por diferentes caminhos metodológicos, visando assim, promover na sala de aula a prática do ato de escrever sobre diferentes assuntos, utilizando os diferentes gêneros textuais. Necessariamente precisamos compreender que existem caminhos metodológicos para se introduzir a escrita de textos, logo, cabe ao professor perceber e identificar quais os interesses dos alunos com relação tanto da escrita quanto da leitura.

O processo de aquisição dos conhecimentos que flui na escola deve alinhar-se ao favorecimento do aprendizado direcionado por meio da descoberta de sua função social, desencadeando também por práticas sociais, as quais permitem fluir comportamentos humanos gerados pelo domínio de determinado conhecimento, resultado da motivação linguística. Motivar, criar, inferir, articular, enfim, são os objetivos que o professor traçar que naturalmente vai desencadear o uso da escrita como mecanismo estimulador no campo da produção textual no espaço escolar.

A ação de ler e escrever não são algo imóvel, estático e inviolável. Corresponde a processos imprescindíveis na vida dos seres humanos, pois transpõem o manuseio dos livros, do texto, da narrativa, etc. O sucesso de uma boa produção textual envolve também a compreensão do uso dos recursos gramaticais convencionais que fazem parte da língua padrão. No universo da leitura e da escrita surgem mecanismos que podem auxiliar os indivíduos a se perceberem existentes no meio que fazem parte.

## **CAPÍTULO II – METODOLOGIA: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS DO 6º ANO DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER**

Considerando as dimensões educativas que o processo de escolarização deve desencadear na vida dos seres humanos, há necessidade de nos aprofundarmos quanto o valor da escrita textual no ambiente escolar. Considerando esse enfoque relevante apresentaremos um estudo sobre as produções textuais que fluem na sala de aula, sendo que o alvo do debate dar-se-á a partir da análise de textos coletados no Colégio São Francisco Xavier, localizado no município de Abaetetuba em turmas do 6º ano com dez alunos, em que se optou por quatro textos desta referida serie.

### **2.1 O CONTEXTO DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER:**

O C.S.F.X, é atualmente uma das instituições que mais bem equipada da cidade de Abaetetuba, em termos físicos, materiais, pedagógicos, profissionais e em número também de alunos matriculados na rede pública deste município. É uma instituição que funciona por meio de um convênio entre Secretaria Estadual de Educação - SEDUC e Associação Obras Diocese de Abaetetuba. É uma escola considerada de grande porte, pois possui um espaço físico em alvenaria de ocupando uma quadra inteira da rua.

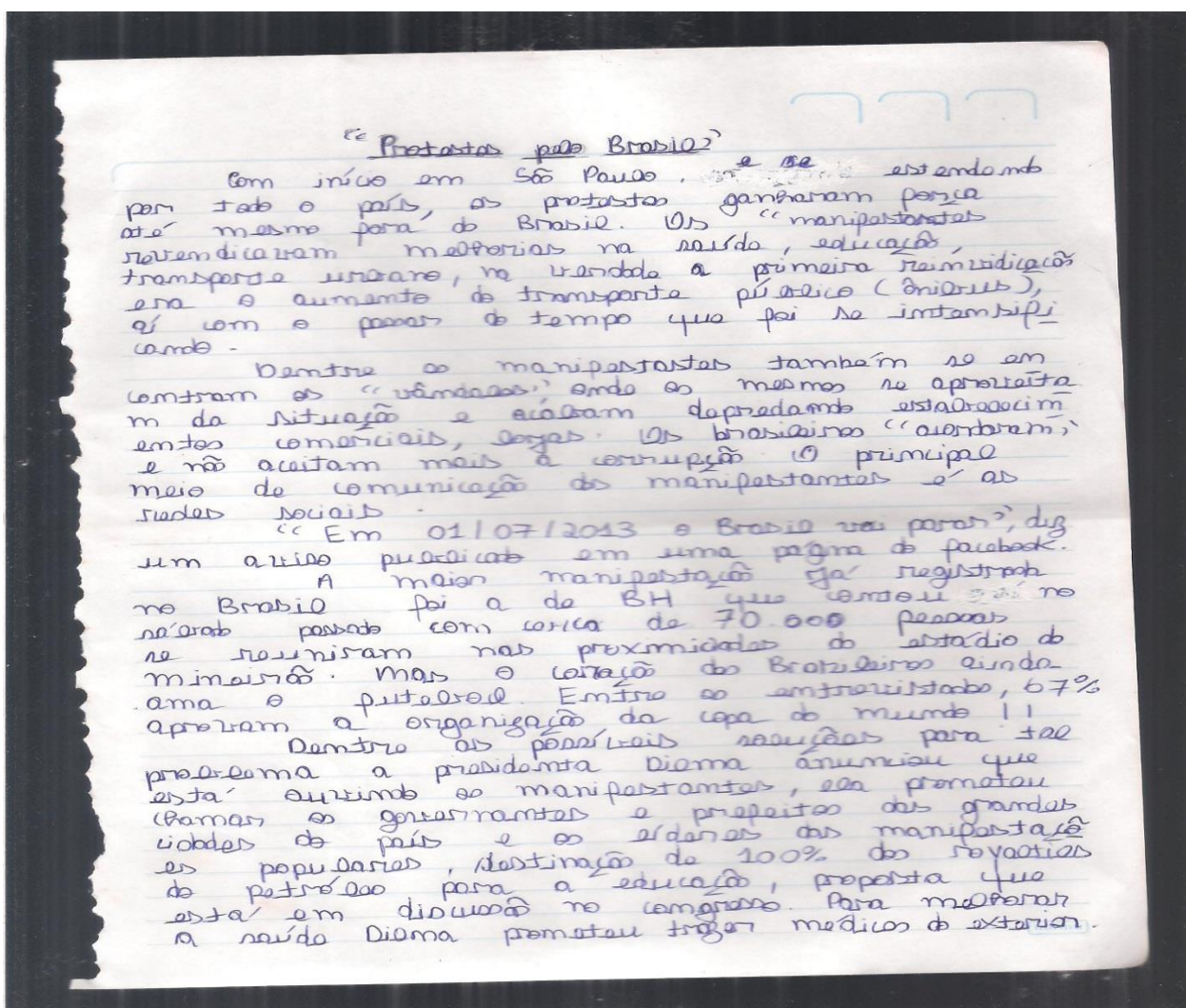
É uma instituição de renome na região do Baixo Tocantins, anualmente é muito procurada, havendo até problemas com relação a vagas de alunos candidatos estranhos. Oferta vagas para o Ensino Fundamental (anos finais- 5ª a 8ª série) e Ensino Médio. Sua clientela é bem diversa, pois tem alunos de outros municípios, os quais chegam de vans ou ônibus escolares. Alunos da zona rural: ilhas e centro da cidade de Abaetetuba. Funciona nos turnos da manhã, tarde e noite.

A extensão física do C.S.F. X. Já deixa em evidência qual a sua proporção pedagógica envolvendo o processo ensino aprendizagem, dado que, sua estrutura é grandiosa diante de muitas escolas públicas desde município e talvez até do Estado do Pará, pois as salas de aulas são climatizadas, justamente objetivando ofertar aos alunos qualidade na aprendizagem escolar. Possui um quadro de professores especializando, com mestrados e doutorado.

O contexto da realidade escolar da referida escola possui proporção diferenciada quanto a sua abrangência, haja vista que o universo escolar é relevante quanto às dimensões físicas, pedagógicas e até profissionais, já que o número de pessoas que diariamente vivenciam nesta instituição ações pedagógicas é bem significativo. Além do mais, a por se tratar de uma escola que funciona em regime de convênio, tem suas próprias diretrizes, as quais são pertinentes à filosofia da escola.

Quanto às produções verificamos que:

### IMAGEM 01

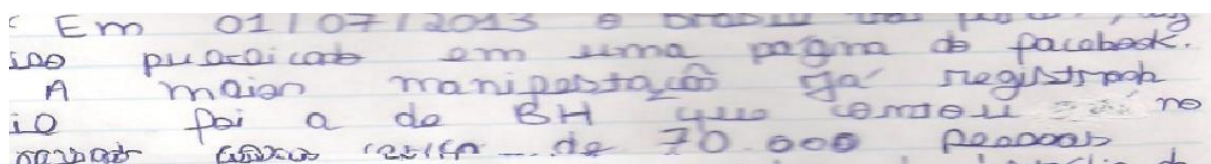


FONTE: Pesquisa de campo. Ano 2013

Usando essa produção como recurso de análise, convém ressaltamos que se trata de um grande texto enquanto extensão da escrita. Com relação às informações presentes no seu contexto, identificamos que o autor expõe suas ideias

traçando uma trilogia de acontecimentos, indicando datas e momentos históricos, trata-se de um texto convincente, pois dá ao leitor condições de ler, interpretar e analisar a diversidade de informações e conhecimento que o aluno se apropriou para reproduzir suas ideias.

## IMAGEM 02



**FONTE:** Pesquisa de campo Ano 2013

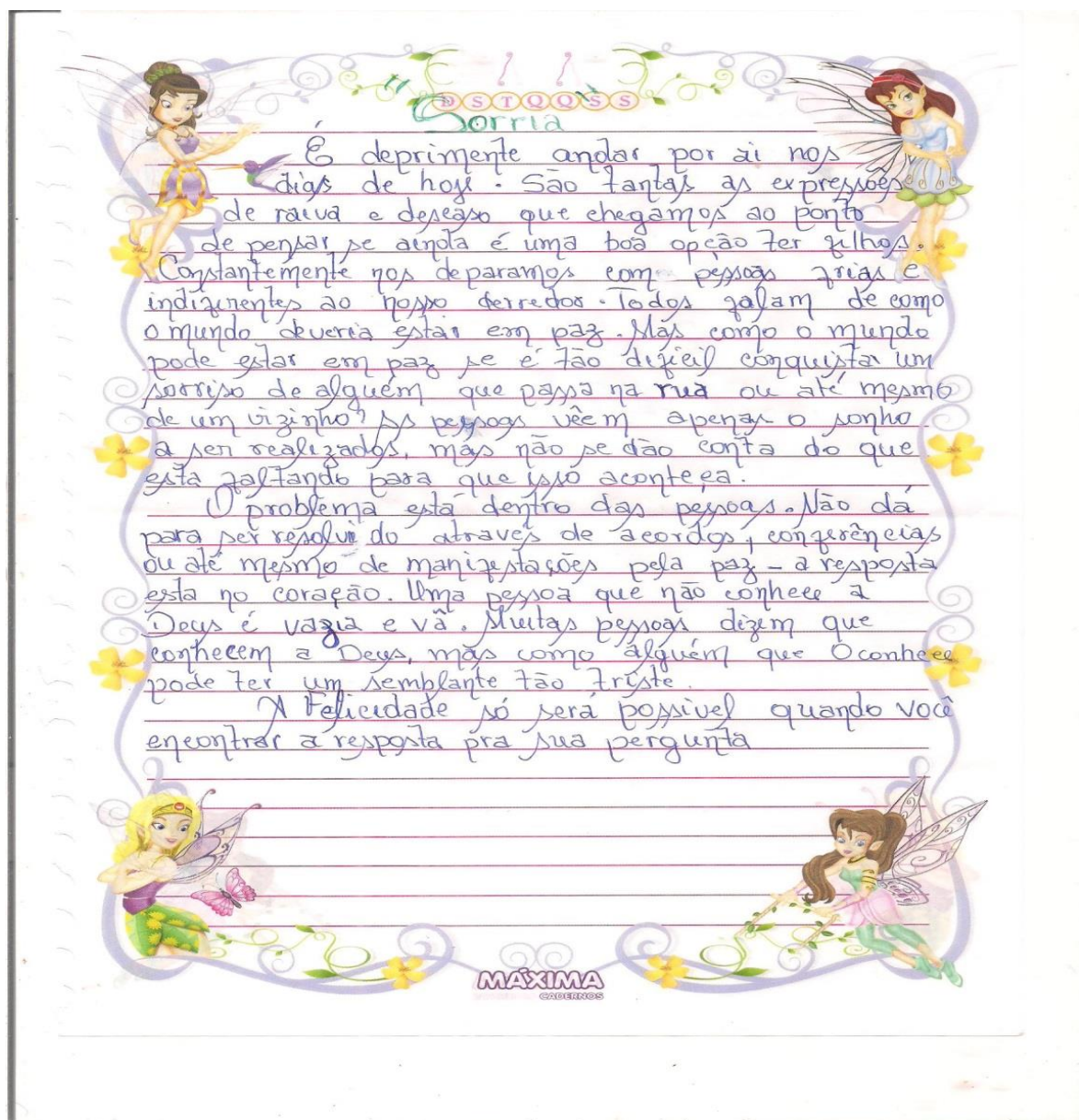
No recorte acima verificamos o recurso cronológico que o aluno utiliza como mecanismo informativo na escrita do seu texto. Para que o aluno tenha a possibilidade de criar um texto significativo dentro de um campo adequado de interpretação é necessário que o professor proporcione situações de aprendizagens com significados dinâmicos e criativo. Há de se refletir então: “As atividades a serem escolhidas ou elaboradas precisam estar de acordo com os conteúdos e metas que foram previamente definidos para o trabalho com cada turma de alunos.” (CASTANHEIRA, MACIEL E MARTINS, 2009, p. 44)

Existem razões para que o professor estimule os alunos produzirem textos, uma delas se relaciona com o ato de escrever e ler contextualmente, cuja ação se desdobra de várias maneiras no universo da sala de aula a partir da mediação que o professor utiliza para inserir a escrita, a leitura e a produção de textos no contexto escolar. Tendo tal abordagem como foco de reflexão, é justo destacarmos com relação a coesão e coerência o texto tem suas evidências contextuais alinhadas a produções textuais que se apropriam dos termos coesivos e de uma linguagem coerente com significados relevantes. No campo da ortografia o texto é legível, os erros ortográficos não ganham evidência no texto. O que nos leva a verificar o seguinte:

Desse modo, é preciso lembrar a existência da ortografia, orientando e padronizando a forma de escrever. As regras ortográficas, a natureza da ortografia, devem ser socializadas com os alunos, a fim de permitir a compreensão da natureza das relações entre fala e escrita. Algumas orientações iniciais, no processo de alfabetização, poderão ajudar o aluno a perceber regras que orientam a grafia das palavras. (BRITO, 2009, p. 4)

Partindo dessa reflexão o texto abaixo tem características pessoais do aluno com relação sua visão de mundo e isso algo interessante a ser explorado pelo professor nas aulas de produção textual, vamos analisar o texto 02.

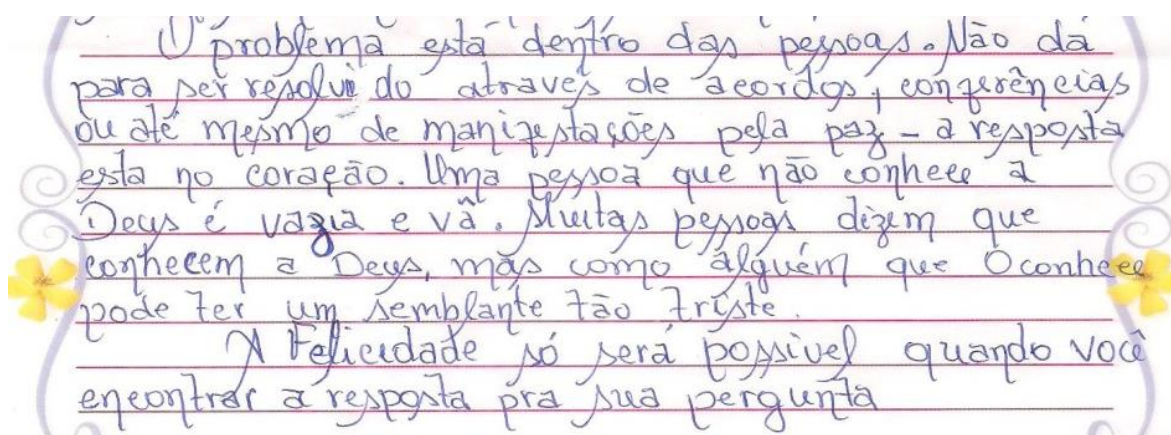
### IMAGEM 03



FONTE: Pesquisa de campo. Ano 2013

Conforme nossas percepções o texto em questão apresenta uma linguagem contendo uma expressividade de sentimentos, emoções e percepções acerca de uma temática que exige do escritor compreensões sobre vida, ser humano e sociedade. São conhecimentos singulares que a serem instigados como foco de análise permitem que o escritor textual avance da subjetividade para além do espaço que ocupa no mundo.

#### IMAGEM 04



**FONTE:** Pesquisa de campo. Ano 2013

Nas diversas formas de escrever o aluno autor do texto acima se apropria de argumentação para defender seu ponto de vista, expondo um teor sentimental expressivo. Esse aspecto faz parte de um bom texto, o teor da argumentação estimula o leitor a questionar, duvidar, apreciar, defender, criticar e avaliar a qualidade do texto enquanto instrumento de conhecimento. É no dia-a-dia que os sujeitos se inter-relacionam e descobrem a diversidade entre eles, sendo assim, é por meio das produções escritas que visões de mundo e de realidade são expostas como conhecimento diverso.

O conhecimento linguístico pode ser compreendido com mais criatividade social e pessoal, até porque,

A linguagem, por realizar-se na interação verbal dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que considere o seu vínculo com a situação concreta de produção. É no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo desse funcionamento. Produzindo linguagem, aprende-se linguagem (BRASIL, 2001, p. 25).

Isso é uma razão para que vejamos a relevância da compreensão dos conflitos e das dificuldades evidenciadas em particular por professores e alunos ligados ao uso da escrita como veículo instigador da produção textual, emerge por diferentes caminhos. No caso texto analisado acima, podemos verificar que se trata de uma temática onde o professor instigador o aluno a produzir sua percepção pessoal a respeito de um determinado tema. Essa dinâmica possibilitou o autor do texto argumentar, comentar e defender seu ponto de vista numa coerência interpretativa de fácil entendimento. Os termos coesivos foram dispostos de maneira que o leitor pudesse alinhar sua interpretação com foco principal da discussão textual.

Frisamos que a professora de Língua Portuguesa é um ser humano que múltiplas funções pedagógicas, uma delas esta relacionada a compreensão da escrita como fundamento social que está exacerbado nos diferentes meios de comunicação. Nos dias atuais, os celulares, os tabletes, etc, são recursos tecnológicos que facilitam o uso de códigos linguísticos, isso coloca em evidência que a função social da escrita não se reduz a leitura e interpretação de traços presentes no caderno ou no livro.

Escrever e ler são ações fundamentais para se compreender o mundo que vivemos, por isso é fundamentalmente importante a relação afetiva, social e profissional que os professores devem ter com seus alunos, ou seja, os educandos precisam se sentir seguros no ato de produzir a escrita, em especial quando se trata de escrever os textos. A escola de ofertar apreensão de conhecimentos e sua importância para os alunos de forma contextualizada é uma forma singular representada pelo acúmulo, construção, superação e descoberta de saberes numa proposta dinâmica que exige dos sujeitos envolvimento e interesse por aprender o que a instituição escolar lhe oferece.

A liberdade de expressão dos alunos no momento que escreve é uma ação fundamental para que ele expresse suas percepções sociais, políticas, ambientais, pessoais, culturais e educacionais. A comunicação, a linguagem social e individual pode ser assim entendida:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribuir à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 2001, p. 23).

É por diversos caminhos que as linguagens são produzidas e reproduzidas na forma de socialização humana. Assim, o professor ao instituir para o aluno a escrita como recurso de comunicação necessita ter compreensões a respeito do papel da escola, pois contemplar os desejos pessoais e sociais dos alunos não é tarefa fácil, pelo contrário é algo difícil e complexo. Produzir textos exige a presença da singularidade cada indivíduo, num encontro coletivo e ao mesmo tempo social. Portanto escrever e produzir textos são ações que se culminam em aprendizagens que extrapolam os muros da escola, encontram-se ativadas socialmente na vida dos sujeitos, cuja importância difere de cada escola e de cada aluno. Para fundamentar tal exposição vamos analisar o texto abaixo.

IMAGEM 05



**FONTE:** Pesquisa de campo. Ano 2013

O texto acima apresenta uma estrutura que não contém as pontuações conforme as regras gramaticais, porém possui informações bem expressivas a respeito do tema abordado. Num processo de estruturação fundamentado pelos estudos e pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999), podemos citar que as produções escritas são elos articulados que extrapolam o sentido organizado dos grafemas. Palavras, frases, textos e contextos escritos tem na linguagem escrita objeto de conhecimento. Desse modo, no que tange às experiências que emergem num ambiente escolar a possibilidade de ocorrer um aprendizado significativo na vida dos alunos exige professores desbravadores de conhecimentos linguísticos,

tendo em vista que a produção da escrita requer interlocutores textuais (Leitor e escritor). Para tanto, a valorização cultural dos sujeitos que fazem parte deste ambiente é um dos pontos de partida para que o ritmo de aprendizagem dos sujeitos flua com significados contextuais.

É através dessa prática que a criança vai reconhecer o ato de ler como um outro modo de falar e que o objeto – importado de texto se torna mediador de um outro tipo de relação com o mundo e com o outro, quando a criança assume o papel de adulto nessas interações, seu modo de falar como quem ler reflete uma concepção do ato de ler, construída, a partir de uma história de interlocução escrita no objeto (KATO, 1994, p. 11).

Dessa forma, a prática do professor trabalhar a produção textual é um dos diferenciais no cotidiano escolar. O processo ensino aprendizagem não se estanca com os limites e dificuldades que surgem no decorrer do ano letivo, mas se amplia na medida em que os professores se apropriam de recursos e metodologias facilitadoras de aprendizagens ligadas a escrita de textos. As possibilidades de intervenção quanto aos entraves encontrados durante a ação pedagógica com atividades textuais deve ser ativada diariamente na sala de aula.

A professora de Língua Portuguesa do C.S.F.X. com uma das turmas do 6º ano, foco de estudo do trabalho direciona a produção da escrita junto aos alunos também pela liberdade de expressão. São produções que exige contextos visualizados e analisados conforme a formação educacional de cada sujeito. A partir das amostras coletadas nessa instituição, identificamos que os alunos podem escolher temas que fazem parte de suas vidas, expondo seus pensamentos a respeito.

## IMAGEM 06

As Drogas

As drogas na maioria das vezes é um caminho sem volta. Hoje em dia muitas crianças e jovens entram nessa vida de drogas com cocaína, maconha, crack e bebidas alcoólicas e até mesmo cigarros. Muitas crianças e jovens são influenciados pelos amigos, colegas e mais amigos. Como um exemplo um colega chega e fala pra outro vamos vamos fumar ali e lá e o outro gosta ou ele chega e fala vamos tomar cerveja ou até mesmo algumas bebidas não são fortes ainda. É na maioria das vezes por esse mal caminho.

Quando uma criança ou jovem entra nessa vida a família e quem mais sofre, a família quase sempre tenta ajudar mas simplesmente esses jovens não querem ser ajudados esses jovens chegam até a vida só pra sustentar a vida as vezes até as próprias coisas da casa para vender pra conseguir dinheiro.

A família tenta de tudo mas as vezes acaba ter alguém usuário de drogas dentro uma família completamente.

DATA

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

FONTE: Pesquisa de campo. Ano 2013

Analisando o texto em destaque identificamos que se trata de uma produção bem fragilizada textualmente, pois aparecem erros ortográficos, de pontuação e o contexto das argumentações textuais deixa em evidência que o autor do texto deixa a desejar quanto a uma abordagem mais fundamentada sobre a temática se propôs escrever. Talvez por falta de leitura sobre assunto, o aluno tenha dificuldade de escrever ou pela carência de práticas do ato de escrever, no recorte abaixo pode ser analisado.

### IMAGEM 07

Quando uma criança ou jovem entra  
nessa vida a família e quem  
mais sofre a família quase sempre  
tenta ajudar mas impiedosamente eles fazem  
nós quem ver ajudados esses fazem  
chegam até a vida só pra sustenta  
a vida as vezes mala os próprios  
coisas da casa porco vender pra  
conseguir dinheiro.  
A família tenta de tudo mas as vezes  
fracasa tem quem usa a droga de  
uma família completamente

**FONTE:** Pesquisa de campo. Ano 2013

No fragmento acima tem uma linguagem simples, mas o aluno precisa aprimorar suas habilidades textuais, em especial uma escrita mais compreensiva. Escrever e ler são ações fundamentais que correspondem à promoção da socialização dos indivíduos no meio que vivem. É algo que deve ser trabalhado com consistência social, visando habilitar os sujeitos no uso da escrita e da leitura como fonte de apreensão dos conhecimentos elaborados historicamente da humanidade. As leituras mecânicas desprovidas de significados não contribuem para que os alunos se habilitem no ato de escrever. De certo quanto se exercitar a leitura social, da realidade vigente, mas se cria competências linguísticas.

Os movimentos que levam o aluno a desenvolver na escola habilidades ligadas à produção de textos exigem professores interlocutores, alunos interessados, estimulados e criativos. São movimentos que possuem significados produzidos pelo ato de ler num caminhar que transita no ato de escrever. Convém deixarmos em evidência que:

Além do conhecimento cognitivo, deve haver um estudo do gênero a ser produzido: quem escreve, para quem, com que finalidade, onde circula, se a linguagem é mais ou menos formal, qual o vocabulário mais adequado, entre outras questões dessa natureza. É preciso que haja conhecimento da estrutura da frase, do parágrafo, do texto; e domínio de usos de elementos de coesão e linguísticos. Enfim, o produtor de um texto precisa ter conhecimento de vários elementos e mecanismos implicados no processo de construir textos, tendo em mente que se trata de uma prática social e não de um ato mecânico, destituído de sentido. (WITTKE, 2010, p. 4)

Tal abordagem evidencia que a leitura e a escrita se cruzam e constituem o elo de integração para se entender que os gêneros textuais tem sentido próprio, singularidades diferenciadas que os fazem relevantes nos meios de comunicação linguística. Produzir e analisar diferentes tipos de textos pode resultar no alcance de

um nível de interpretação e articulação facilita a compreensão de um texto lido, seja, ele do tipo dissertativo, narrativo ou descritivo. E mais, os diferentes gêneros textuais impõe leitura com entonação, concordância gramatical adequada e compreensão alinhada a mensagem principal do texto.

“É preciso que haja conhecimento da estrutura da frase, do parágrafo, do texto; e domínio de usos de elementos de coesão e linguísticos.” (WITTKKE, 2010, p. 4) Essa ideia deduz que a qualidade da leitura e da produção escrita depende muito da formação leitora que cada indivíduo vivencia durante a sua vida. A escrita e a leitura possuem sua relevância social a partir do contexto que elas produzem enquanto intercâmbio social na vida dos seres humanos.

Sendo assim, os alunos do 6º ano produziram textos com tema diferenciados, expondo suas percepções cognitivas a partir do nível de conhecimento que se encontram. O que valida suas falácias textuais é a facilidade com que usam a escrita para ratificar suas interpretações e ponto de vista dos temas abordados. “É muito mais importante saber ler do que saber escrever.” (CAGLIARI, 1993, p. 148).

O autor coloca em destaque que o ato de escrever e ler são ações de extrema importância envolvem situações de aprendizagem., justamente, por conta de que: “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.” (CAGLIARI, 1993, p. 148). Dessa forma, escrever e conseqüentemente ler passam a ser um de ato social, haja vista que num movimento contínuo surge a interação entre quem fala e quem escuta ou de quem lê para interpretar o texto lido.

A formação linguística envolvendo a escrita tem que fluir com sentido quando se trata de produzir textos. É uma trilha que leva a produção de novas formas de interpretar a sociedade, como bem afirma Cagliari (1993) na sociedade, a leitura e escrita devem caminhar quando se trata de comunicação e socialização humana, em suma Desse modo, diríamos que a leitura e a escrita são fios condutores, que juntos formam elos comunicativos indissociáveis, por meio de suas práticas os homens fortalecem as relações sociais.

Escrever e produzir pensamentos por meio da escrita tem como princípio social captado por diferentes processos de desenvolvimento humano, envolve extensões sociais que se multiplicam resultado da comunicação. Logo, o ato de ler

e escrever vai além das palavras dispostas num livro, no caderno, nas placas, etc. Quanto mais se escrever e se produz interpretações, mas conhecimentos são assimilados socialmente e individualmente. No tempo e no espaço escolar a escrita deve ser articulada como conhecimento relevante para o exercício da cidadania, pra tanto o ato de escrever deve emergir de modo adequado respeitando as regras convencionais exigidas pela Língua Portuguesa.

Desse modo, é preciso lembrar a existência da ortografia, orientando e padronizando a forma de escrever. As regras ortográficas, a natureza da ortografia, devem ser socializadas com os alunos, a fim de permitir a compreensão da natureza das relações entre fala e escrita. Algumas orientações iniciais, no processo de alfabetização, poderão ajudar o aluno a perceber regras que orientam a grafia das palavras. (BRITO, 2009, p. 4)

É trilhando por caminhos diversificados que o aprimoramento cognitivo, fruto do desenvolvimento dos sentidos cerebrais, vai acontecendo na forma de aprendizagem. No limiar de todos os processo de comunicação que existe na sociedade atualmente, a escrita como produtora de conhecimentos, mas é uma ação que se movimenta socialmente, pois ler, escrever, analisar, contextualizar, produzir e reproduzir ideias e pensamentos possuem seus significados, devido envolver universos linguísticos que extrapolam a ação decodificadora das palavras lidas. Marcuschi (2005)

(...) enfatiza que a escrita tem sua função social até por que: “A escrita não pode ser tida como uma representação da fala...Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como, a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo dos olhos, entre outros” (2005, p. 17).

Considerando tal abordagem citamos a escrita é um conhecimento de extrema importância para que os alunos na escola se sobressaem que ultrapassam o sentido das palavras, dos textos, enfim, dos enredos discursivos que juntos criam sentidos mentais, ou seja, tanto os significados correspondentes as palavras quanto a interpretação textual agregam valores mentais e sociais. A ação de construção, desconstrução e reconstrução dialógicas de sons, grafemas e fonemas, fluem de diferentes modos, num exercício de indagação, por meio intercambio de reflexão

crítica, de entendimento, de captação de símbolos e sinais, de mensagens, de conteúdo, de informações.

Revelar as condições mais favoráveis para se trabalhar a produção da escrita como conhecimento que possibilita o enriquecimento da produção textual, atualmente é algo promissor, haja vista que na escola as condições que favorece o aprendizado relacionado à interpretação, análise, argumentação e reflexão sobre os textos lidos e produzidos na sala de aula, tende a ser explorado por meio do confronto ou exposição coletiva dos gêneros textuais. No limiar da aprendizagem escolar exige dos professores disponibilidade e a intencionalidade do fazer acontecer da descoberta do valor da escrita e da leitura.

Ecco (2010), particularmente aponta que a leitura deve ser uma ação significativa para o homem, logo, para se produzir um texto coeso e coerente, antes de tudo, devemos exercitar o hábito de ler, visando integrar conhecimentos ligados a estrutura textual, conhecimentos gramaticais e tipos de textos. Referendado por esse embasamento é grandioso destacar que as funções sociais que a prática da leitura deve ser desencadeada por algumas orientações metodológicas, são elas:

**1º** - Ler com objetivo determinado, isto é ter uma finalidade. Saber por que se está lendo;

**2º** - Ler unidades de pensamento e não palavras por palavras. Relacionar ideias; **3º** - Ajustar a velocidade (ritmo) da leitura ao assunto, tema e/ou texto que está lendo;

**4º** - Avaliar o que se está lendo, perguntando pelo sentido, identificando a ideia central e seus fundamentos;

**5º** - Aprimorar o vocabulário esclarecendo termos e palavras “novas”.

O dicionário é um recurso significativo. No entanto, palavras-chave, analisadas no contexto do próprio assunto em que são usadas, facilita a compreensão;

**6º** - Adotar habilidades para conhecer o livro, isto é, indagar pelo que trata determinada obra;

**7º** - Saber quando é conveniente ou não interromper uma leitura, bem como quando retomá-la;

**8º** - Discutir com colegas o que lê, centrando-se no valor objetivo do texto, visto que “o diálogo é a condição necessária para a indagação, para a intercomunicação, para a troca de saberes [...]”

**9º** - Adquirir livros que são fundamentais (clássicos), zelando por uma biblioteca particular, assim como, frequentar espaços e ambientes que contenham acervo literário, por exemplo, bibliotecas;

**10º** - Ler assuntos vários. Não estar condicionado a ler sempre a mesma espécie de assunto;

**11º** - Ler muito e sempre que possível;

**12º** - Considerar a leitura como uma atividade de vida, não desenvolvendo resistências ao hábito de ler. (ECCO, 2010, p. 2)

A leitura auxilia o leitor e o escritor a intercalar suas percepções com a que está presente num determinado material escrito. O ato de escrever e ler contribui com as formas de comunicação. Expressar as angústias, medos e sonhos faz parte do ser e do fazer ligado a ações humanas. Por essa ótica, o professor como mediador do processo ensino aprendizagem envolvendo a escrita enquanto conhecimento articulador de produções textuais deve ampliar os meios e as formas metodológicas de trabalhar os valores textuais que um determinado gênero possui. A prática do professor não se dá sem uma fundamentação afetiva relacionada com seu compromisso de educador. “Saber que ensino não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1999, p. 52).

O enfoque que o autor explicita com relação ao trabalho do professor configura a necessidade de se explorar os diferentes materiais textuais: jornais, revistas, livros, gibis, enfim, todos os recursos exige exploração, identificação, apreciação, análise, crítica, verificação, etc., São momentos metodológicos que permite avançar quanto à compreensão da escrita. Do ponto de vista pedagógico as dimensões que envolvem a psicogênese da língua escrita como fonte explicativa ligada à linguagem escrita é um fundamento teórico que deve compor as bases profissionais na vida do docente.

Tendo esse embasamento como enfoque é válido destacarmos que as produções textuais dos alunos do 6º do Colégio São Francisco Xavier são referências produtivas de atividades mediadas na escola na forma de conhecimento cultural, social, políticos, científico, enfim, o aperfeiçoamento do uso da escrita como prática social tem sua linhagem na forma como o professor estimular os alunos a produzirem textos.

A escrita surge no âmbito dos estudos teóricos como mecanismo de comunicação social, cuja discussão é fundamentalmente significativa na medida em que o emissor e receptor se apropriam do intelecto como mecanismo de comunicação verbal, gestual e linguístico. Nesse caso a produção textual torna-se um universo a ser elaborado múltiplas vezes, devido envolver atos humanos comunicativos e interpretativos de sua realidade presente. Referendada na análise que nos propusemos vivenciar no decorrer da elaboração desse trabalho frisamos a escrita no contexto das produções textuais tem importância social, pessoal e

cultural, logo, a escola por meio de um professor instigador deve facilitar sua aquisição e seu aperfeiçoamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de leitores e escritores socialmente conectados no mundo atualmente corresponde a um tempo em que os diversos meios de comunicação fazem da escola lugar de aprendizagens de muitas revelações, pois a organização metodológica traçadas no desenvolvimento da prática do professor envolvendo a escrita e a leitura necessita ser articulados com autonomia e liberdade. Assim, pedagogicamente como profissionais que estão na escola, particularmente os professores devem ocupar seus lugares no sentido de facilitar aprendizagens que levem os alunos a compreenderem por que leem e porque escrevem.

Tendo, portanto vivenciado a trajetória da pesquisa de campo em consonância com leituras teóricas que elucidam o foco de estudo desse trabalho, concluímos que o ensino e a prática da linguagem escrita como conhecimento que envolve processos de apropriação dos mecanismos linguísticos. Ela como fonte de conhecimento linguístico pode ser traduzida também na aquisição da habilidade de produzir textos, ou seja, a produção textual exige que os alunos na escola se apropriem de subsídios conceituais envolvendo o hábito de ler e de escrever.

Explorar a realidade dos alunos, mediar o ensino da leitura e da escrita de acordo com suas concepções, faz do professor um sujeito de intercâmbio social, devido envolver diferentes recursos de leitura e escrita. A identidade social do aluno quando se depara a escrita como fonte de conhecimento que permite a criação de argumentos textuais. A sala de aula é um espaço pedagogicamente utilitário, isso a coloca em evidência a função da escrita como mecanismo de linguagem a ser trabalhadas de forma atrativa para que os alunos usem-na como ação social em todos os momentos de sua vida.

A construção de diversos conhecimentos voltados o exercício da cidadania por meio da aquisição da leitura e da escrita convencional no ambiente escolar, tem como premissa o valor da educação escolar que atualmente se destaca na sociedade, ou seja, a escola como espaço de interação social deve ser registrada. Os professores que atuam na escola deveriam realizar aprendizados com significativos projetos de formação voltados a valorização do aluno e de seus conhecimentos. Trabalhar o sentido e as finalidades da escrita como caminho que facilita a formação de pessoas capazes de produzir textos coerentes e com o mínimo

de critérios coesivos exige escolas preparadas e professores conscientes de seu trabalho.

Nesse dinamismo o aprendizado da escrita na escola pesquisada pode ser alinhada no trabalho metodológico do professor os meios adequados para qualificar os alunos quanto a aquisição da capacidade de escrever com base na qualidade formativa na vida dos alunos. Portanto a sala de aula abriga conhecimentos, e a escrita passa a ser subsídios formativos que podem capacitar alunos quanto a aquisição dos alunos com sensibilidade de leitor e escritor capaz de situa-se na própria variedade de textos, tanto com relação ao tipo quanto ao gênero.

Um tipo de texto poético, não é igual ao informativo e vice-versa, nessa lógica os alunos do 6º ano do Colégio São Francisco Xavier ao produzirem textos numa linguagem sequencial lógica dentro da ordem semântica ou de ideias coerentes podem ser considerados pessoas com diferencial, cuja origem deve ter ligação com os mecanismos progressivos que construíram a prática da escrita em sua vida pessoal e escolar. Seja como for, o texto: dissertativo, descritivo ou narrativo, os esquemas estruturais oriundos da linguística textual, necessitam compor as produções dos alunos, mas no caso dos alunos que tiveram suas produções analisadas se destacam pelo nível de argumentação que escrevem a respeito de diferentes assuntos. Esse aspecto evidencia que a escola produtora de conhecimento torna-se lugar de aprimoramento da escrita e conseqüentemente dos diversos de produção que fazem parte de sua estrutura linguística.

## REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 1993.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 2000.

BRITO, Antonia. **Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural**. Universidade Federal do Piauí, Brasil IN: <http://www.rioei.org/deloslectores>.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 6ª ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia. O significado da escrita no mundo atual. In: **Revista Criança do professor de educação infantil**. Brasília, MEC, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCEZ, Sabrina. Erros na escrita: propostas que auxiliam as crianças a vencerem as dificuldades. **Revista do Professor**. São Paulo, ano 19, nº 73, p. 14, janeiro / março, 2003.

GARCIA, Regina Leite (et al). **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. São Paulo: Cortez, 2001.

KATO, Mary Aizawa (org.). **A concepção da escrita pela criança**. São Paulo: Pontes, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2005.

WITTKÉ, Cleide. **A prática da escrita na escola: processo de produção de sentido**. 2010. IN: [www.senallp.furg.br](http://www.senallp.furg.br)